A REACENTUAÇÃO VALORATIVA NA CRÔNICA *NOTÍCIA DE JORNAL*, DE FERNANDO SABINO

EVALUATIVE RE-ACCENTUATION IN THE CHRONICLE NOTÍCIA DE JORNAL, BY FERNANDO SABINO

Angelita Cristina de Moraes[1]
Marilúcia dos Santos Domingos[2]

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a reacentuação valorativa que constitui a crônica "Notícia de Jornal", de Fernando Sabino, a partir dos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin. Fundamenta-se especialmente nos conceitos de interação verbal, dialogismo, alteridade, valoração e reacentuação valorativa, compreendidos como categorias centrais para a compreensão dos processos de produção de sentidos na linguagem. Metodologicamente, trata-se de um estudo de natureza analítica e descritiva, cuja investigação recai sobre a forma como um acontecimento originalmente vinculado à esfera jornalística é retomado e ressignificado na esfera literária. Os resultados evidenciam que a crônica realiza um processo de reacentuação valorativa ao deslocar a notícia da morte de um homem por fome, em via pública, do campo da informação objetiva para o da reflexão ética e da crítica social. Nesse movimento, o acontecimento deixa de ser apresentado apenas como fato noticioso e passa a constituir-se como denúncia da indiferença coletiva, da negligência institucional e da desumanização das relações sociais. A análise demonstra que a retomada responsiva do discurso jornalístico promove uma mudança dos acentos axiológicos atribuídos ao fato narrado, conferindo-lhe novos sentidos e ampliando seu alcance social e humano. A crônica, portanto, enquanto gênero discursivo, revela-se um espaço privilegiado para a ressignificação da realidade e para a problematização de questões éticas que atravessam a vida cotidiana.

Palavras-chave: Reacentuação valorativa; Crônica; Círculo de Bakhtin; Dialogismo.

Abstract

This paper aims to analyze the evaluative re-accentuation that constitutes the chronicle "Notícia de Jornal", by Fernando Sabino, based on the theoretical premises of the Bakhtin Circle. It is grounded especially on the concepts of verbal interaction, dialogism, alterity, valuation, and evaluative re-accentuation, which are understood as core categories for comprehending the processes of meaning-making in language.

[1] Mestre em Letras. Professora da Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED) e da Prefeitura Municipal de Cornélio Procópio.
[2] Doutora em Estudos da Linguagem. Professora do Curso de Letras, do Programa de Pós-Graduação - Doutorado e Mestrado Profissional em Ensino e do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Estadual do Norte do Paraná.

Methodologically, this study is analytical and descriptive in nature, focusing its investigation on how an event originally linked to the journalistic sphere is retrieved and given new meaning within the literary sphere. The results show that the chronicle performs a process of evaluative re-accentuation by shifting the news report of a man's death by starvation in a public space from the field of objective information to that of ethical reflection and social critique. In this movement, the event ceases to be presented merely as a newsworthy fact and begins to constitute a denunciation of collective indifference, institutional neglect, and the dehumanization of social relations. The analysis demonstrates that the responsive retrieval of journalistic discourse promotes a change in the axiological accents attributed to the narrated fact, bestowing new meanings upon it and expanding its social and human reach. The chronicle, therefore, as a discursive genre, proves to be a privileged space for the re-signification of reality and for the problematization of ethical issues that permeate everyday life.

Keywords: Evaluative re-accentuation; Chronicle; Bakhtin Circle; Dialogism.

Introdução

O presente estudo tem como objetivo analisar a reacentuação valorativa que constitui a crônica “Notícia de Jornal”, de Fernando Sabino (2008 [1962]). Segundo os preceitos do Círculo de Bakhtin, reacentuar significa deslocar um enunciado para um novo contexto social e ideológico, o que produz uma nova avaliação ideológica e de valor ao mesmo objeto discursivo. Assim, a notícia, como ponto de partida da crônica em referência, comumente um enunciado inserido na esfera jornalística, é deslocada para a esfera literária, o que, em decorrência, passa a constituir-se por outros valores ideológicos e axiológicos.

Explica Bakhtin (2016 [1979]) que os gêneros se renovam historicamente por vários motivos, um deles porque são retomados em novas condições sociais, as quais estão sempre permeadas de ideologias, ideia que fundamenta o conceito de reacentuação valorativa. No caso, aquilo que seria um dado informativo, um fato a ser relatado em uma notícia jornalística, retomada em novas situações sociais passa a produzir uma reflexão ética, estética e social, na crônica. Assim, igualmente a toda atividade humana, a expressão artística não se realiza em vazio abstrato, uma vez que o mundo em que o ato se orienta conscientemente, com base em uma valoração, é o mundo real da existência.

Conforme estudiosos, como Sá (1987 [1985]), a crônica configura-se como um relevante instrumento para reflexão e discussão sobre os embates sociais vivenciados no tecido cotidiano ao longo da história. Sob essa ótica, a abordagem a uma crônica sempre deve transcender a mera catalogação de flagrantes cotidianos

ou o registro circunstancial do efêmero. Com um toque de ironia e lirismo reflexivo, o cronista capta o instante brevíssimo que também integra a "*condição humana* e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples *situação* no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias" (Sá, 1987 [1985], p.11, grifo do autor).

Sendo assim, a crônica constitui-se como um gênero discursivo marcado por um autêntico lugar de alteridade (Bakhtin, 2016 [1979]), uma arena na qual se manifesta a contrapalavra frente aos discursos oficiais e hegemônicos, legitimando sua relevância nos debates sobre cultura e linguagem. Esse embate discursivo fundamenta-se nas premissas de Volóchinov (2025 [1929]), para quem o ato da fala, mesmo quando configurado como discurso escrito, é determinado por intervenções anteriores do próprio autor e/ou de outros autores. Sob essa ótica, o enunciado literário "participa de uma discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis" (Volóchinov, 2025 [1929], p.219).

A fim, portanto, de alcançar o objetivo proposto neste trabalho, em organização, a seção a seguir dedica-se aos encaminhamentos metodológicos, explicitando o percurso investigativo e os dispositivos analíticos que viabilizam a investigação; em seguida, apresentam-se os fundamentos teóricos que dão suporte à investigação; a última seção dedica-se a explicar as análises realizadas sobre o *corpus;* e, por fim, expõe-se algumas considerações finais.

Encaminhamentos Metodológicos

Este estudo configura-se de natureza analítica e descritiva, cujo objetivo é investigar a reacentuação valorativa que constitui a crônica "Notícia de Jornal", publicada na obra *A mulher do vizinho* (2008 [1962]), uma coletânea de crônicas de autoria de Fernando Sabino.

Para tanto, adota-se uma arquitetura metodológica na qual a teoria e o método mostram-se indissociáveis. Isso significa que o arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin composto por categorias, como interação verbal, dialogismo e reacentuação valorativa não atuam apenas como suportes abstratos, mas constituem-se como ferramentas analíticas que guiam a leitura e o desvelamento do *corpus* selecionado.

A análise desenvolveu-se em três movimentos complementares: (I) leitura integral da crônica, visando identificar os enunciados oriundos da esfera jornalística; (II) interpretação das passagens em que esses enunciados recebem novos acentos axiológicos na esfera literária; e (III) análise dos efeitos de sentido produzidos por esse processo à luz das categorias de interação verbal, dialogismo, alteridade e reacentuação valorativa.

Destaca-se que a crônica, conforme Sá (1987 [1985]), originalmente era um gênero publicado em jornal, ao passar para o livro como veículo de circulação, esse gênero ampliou “a magicidade do texto, permitindo ao leitor dialogar com o cronista de forma bem mais intensa, ambos agora mais cúmplices no solitário ato de reinventar o mundo pelas vias da literatura” (Sá, 1987 [1985], p.86). A escolha desse texto justifica-se, portanto, pela densidade discursiva, e visto que essa narrativa se constrói justamente na fronteira entre o que poderia ser um relato do cotidiano, da imprensa, e a ressignificação crítica e artístico-literária.

Nesse contexto, para subsidiar teórico-metodologicamente a análise da prosa de Sabino (2008 [1962]), este estudo ancora-se sobretudo nos postulados desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 1988 [1975]; 2016 [1979]; Volóchinov, 2025 [1929]). Além disso, estabelece-se também interlocução com outros estudiosos que discutem as especificidades do gênero literário crônica, como Candido (1992) e Sá (1987 [1985]), cujas reflexões convergem para a natureza marcadamente interativa e cotidiana do fazer literário.

Fundamentação teórica

Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, conforme destaca Faraco (2009), o foco analítico recai sobre as relações sociais e valorativas que participam da constituição dos sentidos produzidos nas interações verbais. Para Volóchinov (2025 [1929]), a interação verbal não é apenas uma troca de mensagens entre indivíduos, mas o processo social concreto no qual os sentidos são produzidos. Nas palavras do teórico, “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada [...], mas pelo fenômeno social da interação verbal” (Volóchinov 2025 [1929]), p.220).

Portanto, interação é o encontro entre sujeitos socialmente situados, os quais dialogam em contextos concretos de uso da linguagem, em espaços onde os signos

ideológicos adquirem sentido. Todo enunciado concreto, isto é, toda fala, texto, comentário, notícia, crônica constitui um elo numa cadeia de interações.

Nessa compreensão, o dialogismo manifesta-se nas relações entre enunciados, nas múltiplas vozes sociais que atravessam os discursos e na compreensão responsiva dos sujeitos, evidenciando que a produção de sentidos ocorre sempre em um horizonte de interação, confronto e negociação de valores.

O dialogismo articula-se ao conceito de alteridade, embora esta não tenha sido formulada como categoria autônoma pelo Círculo de Bakhtin, sendo sistematizada posteriormente por estudiosos como Faraco (2009). Nessa perspectiva, a alteridade refere-se ao princípio segundo o qual o sujeito somente se constitui na relação com o outro, tornando impossível compreender a si mesmo fora dessa relação.

As pessoas não interagem como consciências vazias. Ocupam posições sociais concretas e, por isso, levam para as interações valores, crenças e visões de mundo. Do mesmo modo, encontram outros sujeitos igualmente situados socialmente, cujas posições podem convergir ou entrar em conflito. É justamente dessa tensão entre diferentes horizontes valorativos que se constitui a arena de conflitos própria da vida social (Volóchinov, 2025 [1929]).

Se os signos ideológicos refletem e refratam a realidade a partir de determinadas posições sociais e valorativas, os sentidos dos enunciados não permanecem estáveis ao longo de sua circulação social. Ao contrário, ao serem retomados em novos contextos históricos, sociais e discursivos, podem receber novos acentos de valor.

É nesse horizonte que se insere a noção de reacentuação valorativa desenvolvida pelo Círculo. Para Bakhtin (1988 [1975]), os enunciados, e em articulação direta com o objeto de investigação neste trabalho, as obras culturais são formadas por meio de contínuos processos de reacentuação sócio-ideológica e valorativa. Isso significa que um mesmo objeto discursivo, ao ser apropriado por novos sujeitos e inserido em novos contextos de interação, pode receber diferentes avaliações e produzir novos efeitos de sentido.

Quando um enunciado é retomado em outra esfera de atividade humana, os valores que organizam sua produção, circulação e interpretação também podem ser transformados. A mudança de horizonte axiológico constitui uma das condições fundamentais para a ocorrência da reacentuação valorativa.

A reacentuação também pode ser compreendida como resultado da relação alteritária entre sujeitos e discursos. Ao entrar em contato com um enunciado produzido por outro, o sujeito não o reproduz passivamente, mas o interpreta a partir de sua própria posição axiológica, respondendo-lhe de modo singular. A nova enunciação constitui, portanto, uma resposta valorativa ao discurso anterior.

Em articulação com os conceitos até aqui discutidos e com os princípios do gênero literário, pode-se recorrer a Candido (1992, p.15), o qual afirma que a crônica "ensina a viver intimamente com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios". Por isso, segundo o autor, esse gênero não somente adentra "fundo no significado do atos e sentimentos do homem, mas pode levar longe a crítica social" (p.18). Sob essa ótica, entende-se que a essência da crônica reside justamente na sua capacidade de ressignificar o olhar do leitor sobre a realidade, exigindo dele uma postura interativa e ativa, capaz de decodificar as camadas de sentido ocultas na aparente simplicidade do cotidiano.

Nessa esteira, está o cronista ou "espião da vida" (Sá, 1987 [1985], p.21-22), o qual busca captar o "disperso conteúdo humano", para estruturá-lo com o objetivo de "*ensinar*, *comover* e *deleitar"* por meio de relatos "plenos de humanidade" (p.87, grifo do autor). Tais acepções se aproximam das crônicas de Fernando Sabino que procurou, diante de suas interações, contextos, ideológicas e valorações, por meio de seus escritos, "ensinar a seus leitores que a vida diária se torna mais digna de ser vivida quando a convivência com outras pessoas nos leva a olhar para fora de nós mesmos" (Sá, 1987 [1985], p.22). É precisamente nesse horizonte humanitário e dialógico que se torna relevante a sua prosa, haja vista que suas crônicas, destacando-se aqui a "Notícia de jornal", não apenas registram o efêmero, mas convidam o leitor a uma profunda reflexão sobre a própria existência.

Assim, como objeto estético, a "crônica — apesar de toda a sua aparente simplicidade — só pode ser valorizada quando a lemos criticamente, descobrindo a sua significação" (Sá, 1987 [1985], p.78).

Investigando a reacentuação valorativa: da notícia à crônica

Conforme Tristão (2013, p.5), "Notícia de jornal", chama a atenção, "inicialmente, por revelar, em seu título, sua construção inspirada em uma notícia de

jornal. Ou seja, o jornal assume [...] função de fonte de fornecimento de matéria narrativa". Contudo, uma notícia jornalística, original, apresenta o fato reduzido a dados objetivos: quem participa do relato noticiado; onde ocorreu o fato; quando; como. Isto em uma organização textual que confere objetividade ao tema.

É possível mesmo identificar no primeiro parágrafo da crônica elementos que caracterizam o que é denominado, na esfera jornalística, de *lead* (Pansani, 2017), momento em que são apresentadas as informações mais relevantes do texto. Por exemplo: quem? "um homem [...] de cor branca, trinta anos"; o quê? "morreu de fome [...] sem socorros"; onde? "em pleno centro da cidade"; como? "permanecendo deitado na calçada durante setenta e duas horas".

O que ocorre, na interpretação de Tristão (2013, p. 6), é que, à medida que a crônica avança, "percebe-se que o autor constrói um retrato da realidade". Há, portanto, uma mudança dos valores atribuídos ao acontecimento, que deixa de constituir apenas um fato jornalístico para converter-se em drama humano, crítica social e reflexão existencial. Essa transformação evidencia o processo de reacentuação valorativa descrito por Bakhtin (1988 [1975]), uma vez que o mesmo acontecimento permanece reconhecível, mas passa a ser organizado por novos acentos axiológicos.

Isso é explicitado, por exemplo, em: o homem estava "pobremente vestido"; ele ficou na calçada, agonizou "durante setenta e duas horas, para finalmente morrer de fome"; depois de "insistentes pedidos de comerciantes, uma ambulância do Pronto-Socorro e uma radiopatrulha foram ao local, mas regressaram sem prestar auxílio ao homem"; "uma coisa – não é homem". Trechos esses que ainda desvelam ao que Angelo e Menegassi (2022, p.24) definem como crônica, "um gênero que se sustenta por uma amálgama de juízos de valor mobilizados a partir de recortes da vida social e historicamente organizada".

Sob a perspectiva do Círculo, é possível afirmar que o cronista realiza uma resposta valorativa ao discurso jornalístico que lhe serve de base. A notícia não é reproduzida passivamente; ela é reinterpretada, tensionada e reposicionada em outro campo de valores. Essa reorganização valorativa aproxima-se da própria compreensão de Candido (1992) acerca da natureza humanizadora da crônica.

Candido (1992), ao discutir a própria natureza da crônica, a conceitua como um gênero que se despe de grandes pretensões. Nas palavras do autor,

> Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (Candido, 1992, p.13-14).

Um outro aspecto a ser abordado na reacentuação valorativa da mudança do jornalístico, que visa objetividade, para o lirismo da crônica é o fato de que, por meio do narrador-personagem, são expostos sentimentos, estados de alma e percepções. O relato não se restringe à escassez física de alimento, mas a uma miséria moral coletiva, pois o homem agonizou por setenta e duas horas, deitado em uma calçada, sob os olhos de inúmeras pessoas, até morrer de fome.

É possível compreender que o cronista não aceita que aquele acontecimento permaneça apenas como informação, ou seja, seja apenas uma notícia, igual a todas as muitas recebidas no dia a dia. Os leitores são chamados a responder à singularidade do acontecimento, a fim de que o outro seja visto como sujeito, e que a eles tomem consciência do que precisam fazer diante do outro. Movimento esse de alteridade (Faraco, 2009). É justamente essa alteração dos acentos axiológicos que caracteriza a reacentuação valorativa: o mesmo objeto é conservado, mas passa a ser interpretado e avaliado sob outra perspectiva ideológica.

O homem não era conhecido, mas foi julgado como “Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa – não é homem”. A exposição desse julgamento de valor apresentada como voz dos personagens, significa que a morte daquele homem é vista como mais uma morte e que nenhum daqueles muitos passantes que formam a sociedade não se incomodaram com o acontecimento. Os passantes apenas “cumprem seu destino de passantes, que é o de passar”. Durante as setenta e duas horas muitos passaram ao lado do homem, alguns com “nojo, desdém, inquietação e até mesmo piedade, ou sem olhar nenhum”, independentemente, nenhum deles fez nada, continuou a vida, sem humanidade, se constituindo como não homens, como coisas, assim como julgavam o personagem principal.

Há, nesse movimento, um chamamento aos leitores para participarem do mundo concreto e assumirem responsabilidade por seus atos. Conforme explica

Faraco (2009, p.23-24), a reflexão bakhtiniana sobre o ato responsável pressupõe que cada sujeito ocupa um lugar único no existir e, por isso, não pode eximir-se da responsabilidade por seus atos. Em alteridade, o autor da crônica assume uma posição ética diante do acontecimento. Ele recusa a indiferença e reacentua valorativamente aquilo que poderia permanecer apenas como uma notícia de jornal, transformando o acontecimento em reflexão ética e o indivíduo anônimo em sujeito de valor.

Tal reacentuação decorre justamente da posição alteritária assumida pelo cronista. Ao ocupar um lugar axiológico distinto daquele ocupado pelo discurso jornalístico, Sabino 2008 [1962]) produz uma nova compreensão do acontecimento e atribui novos sentidos à experiência narrada. O autor atribui ao acontecimento (morte), por exemplo, um novo valor ideológico e emocional, evidenciando que a abordagem literária reconfigura o próprio sentido da realidade. Essa dinâmica se alinha à definição Volóchinov (2025 [1929], p.229, grifo do autor) de que:

> O tema é *um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação*. O tema é *uma reação da consciência em constituição à formação da existência*. A significação é *um artefato técnico de realização do tema* [...]. Não há tema sem significação, como não há significação sem tema (Volóchinov, 2025 [1929], p.229, grifo do autor).

A partir dessa acepção teórica, depreende-se que o falecimento do homem depois de três dias constitui a significação de base da notícia, isto é, o elemento linguístico estável, o fato relatado pelo jornal. No entanto, ao transmutar esse relato em matéria literária, o autor apreende o acontecimento não como uma estrutura estática, mas como um tema em sua dinamicidade dialógica. O cronista atua como uma consciência em constante reação à formação da existência social, traz ao enunciado ressonâncias valorativas (Volóchinov, 2025 [1929]), que questionam a indiferença coletiva e/ou social mediante ao fato ocorrido.

Essa postura crítica se efetiva quando o autor expõe a ausência da alteridade, como, no segundo parágrafo, relatando que, após insistentes apelos de comerciantes, “uma ambulância do pronto-socorro e uma radiopatrulha foram ao local, mas regressaram sem prestar auxílio ao homem, que acabou morrendo de fome”. Subjacente aos “insistentes pedidos” do comércio local, desvela-se uma ironia cruel, isto é, o apelo não nascia de uma genuína preocupação humanitária com a agonia do

sujeito, mas sim da urgência capitalista em desobstruir a calçada, retirando o estorvo que poderia prejudicar as vendas. O moribundo, despido de sua dignidade humana, passa a ser lido pela lógica capitalista do centro urbano apenas como um obstáculo estético ao fluxo do consumo.

Nesse ponto torna-se particularmente visível a passagem entre esferas de atividade humana. Enquanto a esfera jornalística tende a registrar o ocorrido segundo critérios de relevância informativa, a esfera literária permite que o acontecimento seja reorganizado esteticamente e submetido a uma avaliação ética. A reacentuação valorativa manifesta-se exatamente nessa mudança de enquadramento discursivo.

Não diferentemente, no parágrafo seguinte, essa engrenagem de desumanização atinge o ápice por meio da ironia burocrática, evidenciada na fala do comissário de plantão que, ao se eximir da responsabilidade por aquele corpo, transfere o óbito para a alçada de uma “Delegacia de Mendicância, especialista em homens que morrem de fome”. Ao operar sobre esse cenário, a escrita literária de Sabino (2008 [1962]) expõe o contraste entre a frieza (técnica) das esferas públicas e o valor ético de uma vida perdida sob os olhos de uma sociedade.

Soma-se, no quinto parágrafo, o comportamento dos sujeitos que compõem o cenário da rua, cuja indiferença e julgamento moral reproduzem a lógica de exclusão denunciada pela crônica. Em vez de solidariedade, o moribundo é alvo de suspeita e criminalização por parte da coletividade, bem como quando a própria vizinhança avalia a situação sob o signo da desconfiança, imaginando tratar-se de um marginal ou de alguém embriagado. Além disso o homem morto na calçada é destituído de sua face humana e reduzido a “bicho” ou “coisa”. Sob essa ótica, conforme Tristão (2013, p.6-7), observa-se “um ‘rebaixamento’ da condição humana”, haja vista a afirmação de que o “homem caído na rua podia ser qualquer coisa, menos um homem”.

Dialogando com as acepções do Círculo, o enunciado carrega uma avaliação social que naturaliza a morte por meio do preconceito. Ao reduzirem a vítima da fome à condição de um estorvo urbano ou de um marginalizado por escolha, os passantes operam uma dupla violência: apagam a dignidade do “outro” e legitimam, por meio de seus gestos/ações cotidianos, a problemática de desumanização que sustenta o caos da cidade, conforme está expresso na passagem da crônica:

> Nada se sabe dele, senão que morreu de fome. Um homem morre de fome em plena rua, entre centenas de passantes. [...]. Durante setenta e duas horas todos passam, ao lado do homem que morre de fome, com um olhar de nojo, desdém, inquietação e até mesmo piedade, ou sem olhar nenhum, e o homem continua morrendo de fome, sozinho, isolado, perdido entre os homens, sem socorro e sem perdão (Sabino, 2008 [1962], p.40).

A descrição minuciosa dessa indiferença coletiva, que oscila entre o desdém silencioso e a invisibilidade completa do moribundo, deixa de ser um mero relato ficcional para se converter em um espaço de tensionamento ético. Na esteira desse entendimento, Angelo e Menegassi (2022) afirmam que a interpretação do valor em crônicas se desvela como um autêntico ato político. Para os pesquisadores, o gênero tem o compromisso de trazer à tona a realidade, permitindo ao leitor "compreender as relações alteritárias, a rechaçar que sentidos ligados à violência, preconceitos e à injustiça social sejam naturalizados nos discursos" (2022, p.8).

Onde a vida real acontece, ao focar no detalhe, nas pequenas atitudes dos personagens daquela rua, o lirismo surge na busca por um leitor disposto a compartilhar de sua indignação e humanização, na capacidade de encontrar humanidade no meio do caos. Desse modo, ao expor o desamparo do homem que "morre de fome em plena rua, entre centenas de passantes", a escrita de Sabino opera justamente esse rechaço político, isto é, ela desperta o leitor da apatia confortável e denuncia a violência moral de uma sociedade que transformou a miséria extrema em uma paisagem banal e aceitável.

Tal valoração é possível, ainda, observar no sexto parágrafo, quando o narrador diz: "Não é de alçada do comissário, nem do hospital, nem da radiopatrulha, por que haveria de ser da minha alçada? Que é que eu tenho com isso? Deixa o homem morrer de fome". Ao realizar esses questionamentos, o autor estabelece um diálogo tenso e implícito com o leitor por meio do recurso da ironia. Longe de manifestar uma real indiferença, o cronista mimetiza a voz do individualismo expressada por meio do narrador (eu) e da coletividade citada por ele (comissário, hospital, radiopatrulha) para provocar/desestabilizar a consciência de quem lê.

Esse cenário ilustra com precisão o que Candido (1992, p.14) define como a capacidade da crônica de valer-se de uma "linguagem que fala de perto" para, em sua aparente despretensão, humanizar o real. Sob a lente de Volóchinov (2025 [1929]), esse fragmento deixa de ser um mero monólogo e passa a figurar como um autêntico

espaço de embate discursivo, onde o cronista tensiona o “complexo de forças” (Faraco, 2009, p.61) que rege a vida social, confrontando o leitor com as vozes da negligência coletiva e forçando-o a dialogar com os próprios valores, com as ideologias de sua época e com a trágica realidade do mundo.

Acrescenta-se que essa busca por uma comunhão com o leitor encontra consonância nas formulações de Volóchinov (2025 [1929]), para quem a palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor. Sob essa ótica dialógica, a linguagem é determinada integralmente pelas interações na vida social, o que confere ao interlocutor um papel primordial: a palavra sempre nasce de alguém, mas é moldada, como já foi dito anteriormente, pelo fato de dirigir-se para outrem. Sendo assim, a crônica “Notícia de Jornal” materializa-se como o produto exato da interação entre o “mim” (o cronista) e o “outro” (o leitor), reiterando que toda produção discursiva é orientada por um incontornável auditório social.

Ademais, no que se refere à estrutura composicional, a crônica de Sabino é tecida na prosa e organiza-se em parágrafos que mimetizam o fluxo de pensamento do narrador. Contudo, a aparente linearidade do relato é tensionada por uma espécie de “refrão ideológico”, a reiteração da expressão “morreu de fome”, que perpassa todo o texto, sendo mencionada vinte e uma vezes. Esse “eco” insistente funciona como um desestabilizador que tenta resgatar o leitor submerso no cotidiano, enfatizando a necessidade premente de reencontrar a humanidade, não raro, esquecida pela indiferença à(s) notícia(s).

> E o homem morre de fome. De trinta anos presumíveis. Pobremente vestido. Morreu de fome, diz o jornal. Louve-se a insistência dos comerciantes, que jamais morrerão de fome, pedindo providências às autoridades. As autoridades nada mais puderam fazer senão remover o corpo do homem. Deviam deixar que apodrecesse, para escarmento dos outros homens. Nada mais puderam fazer senão esperar que morresse de fome (Sabino, 2008 [1962], p.40).

Essa repetição insistente da causa da morte, no sétimo parágrafo, atua como uma entonação expressiva que denuncia a naturalização do horror. Para Volóchinov (2025 [1929], p.207), a palavra é um indicador das mudanças sociais: “mesmo uma tomada de consciência simples e imprecisa de alguma sensação, por exemplo a fome, não pode ser expressa para fora sem uma forma ideológica”. Nesse sentido, a palavra “fome” deixa de ser uma carência puramente biológica de um homem para se tornar

um signo ideológico de indiferença das pessoas (passantes), comerciantes e autoridades que orbitam a rua, palco onde se evidencia a falência das instituições sociais (hospital, polícia e justiça), operando por meio de uma lógica puramente burocrática e reduzindo a tragédia humana a um mero trâmite protocolar. Tem-se, novamente, um processo de reacentuação valorativa. O signo “fome”, que poderia remeter apenas a uma condição fisiológica, passa a condensar avaliações sociais, políticas e éticas. O cronista desloca o signo de um campo predominantemente descritivo para um campo de forte densidade axiológica.

É nesse cenário de desumanização institucionalizada que a repetição insistente do sintoma biológico se transmuta em denúncia social, expressada por meio da ironia. Sob a perspectiva de Volóchinov (2025 [1929]), essa reiteração reconfigura o próprio estilo do enunciado. Para o autor, o estilo não se restringe a uma escolha formal isolada, mas reflete a atitude valorativa do locutor em face do conteúdo temático. Assim, o estilo marcadamente irônico adotado por Sabino (2008 [1962]) confere à palavra “fome” uma entonação expressiva de forte apelo ideológico.

Na narrativa de Sabino (2008 [1962]), o signo linguístico (fome) desvincula-se de sua dimensão estritamente orgânica para emergir como um autêntico indicador das fraturas sociais, desvelando a indiferença coletiva e o colapso ético do sistema público que naturaliza o horror no cotidiano da cidade. Desse modo, a flexibilidade estilística própria do gênero crônica permite que a linguagem literária desestabilize a suposta neutralidade do relato jornalístico.

Esse embate atinge seu apogeu no encerramento do texto, momento em que o cronista mimetiza o estilo rígido e neutro do relato jornalístico tradicional, citando até a localização geográfica precisa do acontecimento para, logo em seguida, romper tal rigidez por meio da fusão com a linguagem literária, concretizada na repetição lírica e crítica. O desfecho opera, assim, como um eco indignado dessa denúncia.

> E ontem, depois de setenta e duas horas de inanição, tombado em plena rua, no centro mais movimentado da cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, um homem morreu de fome.
> Morreu de fome (Sabino, 2008 [1962], p.40).

Assim, ao encerrar a crônica com essa reiteração, Sabino (2008 [1962]) abdica de soluções simplistas para a problemática da fome e/ou recusa-se a oferecer um desfecho reconfortante que alivie a tensão social exposta. O autor opta por deixar

o sentido do enunciado estrategicamente aberto, transferindo para o leitor a responsabilidade ética de refletir sobre a tragédia relatada. A narrativa abdica, desse modo, de figurar como um mero relato documental para se consolidar como um autêntico ato político e social, devolvendo a dignidade da palavra e da existência ao sujeito que havia sido silenciado pela fome e pela apatia social e institucional.

Em síntese, a crônica de Sabino constitui-se como um exemplar processo de reacentuação valorativa. O autor parte de um enunciado oriundo da esfera jornalística e, mediante uma resposta estética e ética ao fato narrado, altera seus acentos valorativos. O que era notícia transforma-se em denúncia; o que era dado estatístico converte-se em drama humano; o que era registro informativo passa a funcionar como interpelação ética dirigida ao leitor.

Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo analisar a reacentuação valorativa que constitui a crônica *Notícia de Jornal*, de Fernando Sabino (2008 [1962]), à luz dos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin. Para tanto, mobilizaram-se os conceitos de interação verbal, dialogismo, alteridade, valoração e reacentuação valorativa, compreendidos como categorias teórico-metodológicas capazes de evidenciar os processos de produção de sentidos que permeiam a constituição do texto literário.

As análises realizadas permitiram constatar que a reacentuação valorativa constitui o princípio organizador da crônica. Ao retomar um acontecimento originalmente vinculado à esfera jornalística — a morte de um homem por fome em plena via pública —, Sabino desloca esse enunciado para a esfera literária, produzindo uma transformação significativa dos valores que orientam sua interpretação. O fato permanece reconhecível, mas deixa de funcionar apenas como informação objetiva para assumir a condição de denúncia social, reflexão ética e questionamento da indiferença humana diante do sofrimento do outro.

Esse movimento confirma a compreensão bakhtiniana de que os enunciados não possuem sentidos fixos ou definitivos. Ao circularem em novos contextos sociais e ideológicos, podem receber novos acentos axiológicos e produzir diferentes efeitos de sentido. Na crônica analisada, observou-se que a notícia é retomada de forma responsiva pelo cronista, que não apenas reproduz o acontecimento, mas lhe atribui uma nova orientação valorativa. Desse modo, a morte por fome deixa de ser

apresentada como um simples dado da realidade cotidiana para se constituir como signo ideológico capaz de revelar contradições sociais, negligências institucionais e formas de desumanização naturalizadas no espaço urbano.

Os resultados também evidenciaram que essa reacentuação valorativa se concretiza por meio da articulação entre dialogismo e alteridade. Ao responder ao discurso jornalístico e às vozes sociais presentes no acontecimento narrado, o cronista assume uma posição ética diante do fato relatado e convoca o leitor a fazer o mesmo. A narrativa expõe a indiferença dos passantes, a omissão das instituições públicas e os julgamentos dirigidos ao homem que agoniza na calçada, produzindo um confronto entre diferentes perspectivas ideológicas sobre a condição humana. Nesse processo, a crônica configura-se como um espaço de interação entre consciências e valores, no qual a palavra literária atua como contrapalavra frente à naturalização da miséria e da exclusão social.

Igualmente relevante foi observar que a reiteração da expressão “morreu de fome”, a construção irônica do discurso e a incorporação de elementos próprios do relato jornalístico contribuem para intensificar o caráter crítico do texto. Tais recursos permitem que a linguagem literária tensione a aparente neutralidade do discurso informativo e atribua novos sentidos ao acontecimento narrado. Assim, o signo “fome” ultrapassa sua dimensão estritamente biológica e passa a condensar valores sociais, políticos e éticos que denunciam a falência da responsabilidade coletiva diante da vulnerabilidade humana.

Dessa forma, conclui-se que a reacentuação valorativa em “Notícia de Jornal” ocorre pela retomada responsiva de um acontecimento oriundo da esfera jornalística e sua reorganização na esfera literária, processo que promove uma mudança dos acentos axiológicos atribuídos ao fato narrado. O que era notícia transforma-se em denúncia; o que era registro informativo converte-se em reflexão ética; o que era apenas a morte anônima de um indivíduo torna-se um questionamento sobre a própria humanidade dos sujeitos e das instituições que o cercam.

Por fim, a análise reafirma a potência da crônica como gênero discursivo capaz de ressignificar acontecimentos cotidianos e de promover reflexões sobre a realidade social. Em consonância com os postulados do Círculo de Bakhtin e com as reflexões de Candido (1992) e Sá (1987 [1985]), verifica-se que a literatura não apenas representa a realidade, mas a refrata por meio de posições valorativas específicas. Nesse sentido, a crônica de Fernando Sabino evidencia como a

linguagem literária pode transformar um fato aparentemente banal em um acontecimento ético de grande alcance humano, fazendo ecoar, por meio da reacentuação valorativa, a voz daqueles que frequentemente permanecem invisibilizados na vida social.

Referências

ANGELO, Cristine Malinoski Pianaro; MENEGASSI, Renilson José (Org.). **Leitura e interpretação de valores em crônicas**. São Paulo: Pontes Editores, 2022.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Os gêneros do discurso.** Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance.** Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Editora UNESP/Hucitec, 1988 [1975].

CANDIDO, Antonio. **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PANSANI, Viviane Aparecida Sotana. **A notícia como referência intermediária para o ensino da expressão escrita:** o uso de ferramentas didáticas para o desenvolvimento de capacidades de linguagem. 2017. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru, 2017.

SABINO, Fernando. Notícia de jornal. *In:* SABINO, Fernando. **A mulher do vizinho**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008 [1962], p.39-40.

SÁ, Jorge de. **A crônica.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1987 [1985].

TRISTÃO, Talita Carlos. A crônica social, um “protesto tímido”. **Revista Memento, Três Corações**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: http://periodicos.unincor.br/index.php/memento. Acesso em: 19 maio 2026

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2025 [1929].